

Os “diálogos” da Análise do Discurso versus competência comunicativa de feirantes da Feira de São Joaquim na cidade de Salvador-Ba.

César Costa Vitorino¹

RESUMO

Este trabalho tem o objetivo de apresentar reflexões acerca da Análise do Discurso na perspectiva bakhtiniana. Enfatiza-se uma co-relação com múltiplas vozes da Análise do Discurso e a competência comunicativa de feirantes.

Palavras-chave: Discurso. Enunciação. Competência comunicativa.

INTRODUÇÃO

Procuraremos apresentar neste trabalho o conceito de linguagem que advém dos estudos de Bakhtin comprometido com a visão de mundo que, justamente em busca das formas de construção e instauração do sentido, resvala pela abordagem linguístico/discursiva.

O interesse pela linguagem é certamente muito antigo. Pode-se mesmo supor que a admiração com que o homem tomou consciência de si mesmo e do mundo que o rodeava se tenha bem depressa fixado nesse fenômeno. Há várias razões que justificam a aquisição de um conhecimento acurado sobre a linguagem: além do fato de muitos problemas do mundo incluírem essencialmente a linguagem; é ela a chave do homem e da história social, a via de acesso às leis do funcionamento da sociedade.

Bakhtin acredita que a linguagem só pode ser analisada, na sua devida complexidade, quando considerada como fenômeno sociológico e aprendida dialogicamente no fluxo da história. Dessa forma, um dos eixos do pensamento bakhtiniano está justamente em busca das formas e

¹ Aluno do curso de Doutorado em Linguística DINTER UNEB /PUCRS. Professor Assistente da Universidade do Estado da Bahia(UNEB).Professor da Fundação Visconde de Cairu -Salvador-Bahia.

dos graus de representação da heterogeneidade constitutiva da linguagem. Entre esses indícios, estão, sem dúvida, as preocupações com a dimensão histórico-ideológica e consequentes constituições sígnicas das ideologias; a insistência na discussão de uma natureza interdiscursiva, social e interativa da palavra; a tentativa de oferecer elementos para uma reflexão sobre os gêneros discursivos; a interdiscursividade como condição de linguagem.

ANÁLISE DO DISCURSO: UMA BREVE RETROSPECTIVA

Desde o início, a Lingüística buscou uma aproximação com teses positivistas, principalmente aquelas que apontavam para uma forma de isolamento do sujeito. O advento do Estruturalismo veio reforçar essa forma de ver a linguagem, o conceito de estrutura fixando-se de forma plena. Com o advento da Gramática Gerativa, consolidou – se o domínio do enunciado.

Segundo Kristeva (1969), a linguagem é vista de maneira diferente por cada civilização e época, a depender das suas crenças, da sua ideologia, dos saberes que domina. Essas diferentes visões podem ser rastreadas através do tempo: na época cristã (até século XVIII), tinha-se uma visão teológica da linguagem; já no século XIX, a linguagem era tida como evolução através dos tempos, uma vez que era a biologia a “grande” ciência da época. Busca-se, então, uma história ideal das línguas (as línguas nasceriam de uma língua-mãe); no século XX, predominaram as visões de linguagem como sistema, sendo também foco de interesse os problemas de funcionamento desse sistema. Pode-se entrever, pois, por trás dessa caminhada a própria história do pensamento.

É importante salientar que a Análise do Discurso teve seu embasamento teórico formado a partir de questionamentos de três disciplinas: Linguística (a linguagem e sua não transparência), Marxismo(o materialismo histórico) e Psicanálise (deslocamento da noção de homem para sujeito). Segundo Kristeva (1969), teria sido a Psicanálise que primeiro avançou na tentativa de compreender a linguagem sob a perspectiva dos processos enunciativos). Isso, porém, não a torna subordinada a nenhuma dessas três áreas. Segundo Orlandi (2001), a Análise do Discurso interroga a Linguística pela historicidade que deixou de lado, questiona o Marxismo, perguntando pelo simbólico, e diferencia-se da Psicanálise por trabalhar a ideologia como materialmente relacionada ao inconsciente, sem, contudo, ser absorvida por

ele. A Análise do Discurso captou, pois, percepções diversas, intuições diversas, em campos diversos de conhecimento, fazendo-as confluir numa nova concepção de prática de linguagem.

A diversificação das fontes a que recorre a Análise do Discurso na construção de seus postulados teóricos (análise de segmentação estrutural de enunciados (Harris), funcionamento sócio antropológico da Análise de Conteúdo (Lasswell, Dumphy, Stone), dimensão enunciativa de práticas de linguagem (Bakhtin, Benveniste, Todorov) acaba por propiciar uma diversificação nas formas pelas quais é concebido o seu objeto de estudo: o discurso.

Por sua vez, a natureza diversa do seu objeto de estudo, o objeto-discurso, e os múltiplos interesses que nele são projetados possibilitam a existência de escolas distintas, bem como amplia o seu quadro metodológico e apresenta uma fundamentação teórica em pressupostos cada vez mais amplos. O resultado é um elenco de abordagens cada vez mais apuradas e orientadas para recortes temáticos específicos dos universos discursivos, podendo ser destacados os seguintes: processo enunciativo (heterogeneidade, polifonia, argumentação etc.), processo histórico, (social, ideológico, cultural), processo interativo (estratégias de persuasão, de preservação dos espaços de interlocução), o processo linguístico (anáforas, estrutura sintático-semântica).

A intervenção da Análise do Discurso no cenário dos estudos linguísticos tem trazido, como resultado, a compreensão do fenômeno da linguagem numa extensão mais ampla. Essa amplitude não resultou, sob nenhuma hipótese, em qualquer descaracterização dos avanços teóricos e metodológicos que a Linguística produziu a partir do Estruturalismo. A especificidade sobre a estrutura e o funcionamento da linguagem continua sendo o ponto de partida das diversas abordagens da Análise do Discurso, só que reorientada em razão de outros objetivos e de outros domínios: não se preocupa, então, em dar conta da estrutura de uma dada língua ou de certas propriedades da linguagem, mas sim em justificar o modo pelo qual os falantes interagem quando colocam em funcionamento uma língua, quando agem em função dela, quando a usam para informar ou desinformar, quando a acionam para reproduzir convenções ou para manifestar intenções, quando dela fazem uso para comunicar ou para mandar calar.

É no território de atos dialógicos, fundadores das ações interativas, que os sujeitos se constituem como tais, ou sua consciência se forma no processo de interiorização de discursos preexistentes, materializados nos diferentes gêneros discursivos, atualizados nas contínuas e permanentes interlocuções de que vão participando.

MÚLTIPLAS “VOZES” DA ANÁLISE DO DISCURSO

Segundo Flores (1999), Benveniste traça uma oposição entre uma linguística das formas e uma linguística da enunciação e afirma que o que transforma a língua em discurso é o ato da enunciação; falar é organizar o discurso em torno do eu/aqui/agora. Ou seja, as concepções linguísticas de enunciação, pode-se dizer, são herdeiras da tradição de uma linguística da fala – tentam caracterizar as modalidades da presença do sujeito falante no discurso, a partir da identificação de certas marcas linguísticas, tais como dêíticos, marcas de pessoa, etc. – e garantem (a partir de um sujeito de enunciação, que é concebido como origem, causa primeira e operador psicológico de seu discurso) a passagem linear da ordem da língua para a do discurso.

De acordo com Lucena (2001), o discurso, na Análise do Discurso (de agora por diante tratada como AD), passa a ser concebido não apenas como produção linguística, mas também como produção social, produção do imaginário. Enquanto seria o discurso uma estrutura subjacente formada pela ideologia, pela história; o texto seria a estrutura da superfície: ter-se-ia nos textos a erupção do discurso.

A concepção de linguagem adotada pela AD contempla tanto o fato de ser ela – a linguagem – constituída na interação, quanto o de possuírem seus signos força ideológica. Toma-a, ainda, como resultado do trabalho que sujeitos realizam com e sobre a língua, preconizando que só a partir disso é que os indivíduos se constituem como sujeitos.

A linguagem é concebida pela AD como prática simbólica (não trata a AD de um indivíduo, nem de uma realidade empiricamente localizáveis quando discute sujeito, sentido e discurso), a qual se constitui pela via do significante e se encontra na origem do processo de constituição do sujeito. O simbólico está, pois, relacionado à questão do significante e do sócio- histórico na constituição do sujeito: “simbólico é aquilo que na linguagem é constitutivo do sujeito

como efeito” (HENRY, 1992, p.34). O fenômeno da linguagem passa, então, a ser visto além da relação do seu sistema interno: alia-se o linguístico ao sócio histórico, a ideologia ao discurso. A língua não é vista pela AD como um instrumento, muito menos como expressão do pensamento “a língua não ‘veste’ um pensamento prévio [...], mas, ao contrário, é a condição do pensamento”.(POSSENTI, 2004, p.362).

Para a AD, os processos de construção de linguagem são, portanto, histórico-sociais, já que é no discurso que se constata o modo social de construção da linguagem (ORLANDI, 2001). Essa teoria postula que a unidade material do discurso constitui-se a partir da relação constitutiva da língua com a história. É, na verdade, o discurso um objeto histórico-social, cuja especificidade está em sua materialidade linguística.

Para Bakhtin (2002), a linguagem é um campo de batalha social. A linguagem e o poder vivem numa interseção contínua. Cada palavra se transforma em uma arena onde ocorrem disputas de poder; nela confrontam-se valores sociais. Mas parece pertinente uma indagação: Como compreender a enunciação? Pode-se entender que a enunciação está “ligada” às condições de comunicação, que, por sua vez, estão sempre “ligadas” às estruturas sociais. Questiona ele, portanto, a homogeneidade do sentido e do sujeito, seja por considerar a constituição ideológica do enunciado, seja por levar em conta o princípio da dialogia e o conceito de polifonia. Concebe como aspecto constitutivo das relações existentes entre os termos sujeito e linguagem a complexa natureza heterogênea que caracteriza, envolve e dimensiona ambos. A perspectiva teórica da heterogeneidade constitutiva do sujeito e da linguagem desestabiliza as versões a respeito da unicidade do sujeito e da univocidade do sentido.

Embora em Bakhtin não se encontre uma formulação explícita de uma teoria do sujeito, subjacente a suas reflexões sobre a linguagem, pode-se perceber uma noção de sujeito constituído na interação verbal, a qual se dá entre sujeitos socialmente organizados. Afasta-se, assim, de uma visão subjetiva desse - do sujeito (Benveniste). A linguagem é tomada como trabalho social e histórico de sujeitos que ainda não disseram a última palavra, sujeitos incompletos que nunca coincidem consigo mesmos.

Em relação ao sujeito do enunciado, Foucault afirma que não pode ser tomado somente como elemento de uma estrutura gramatical, tampouco é idêntico ao autor (instância produtora) do enunciado. Ou seja, não é um indivíduo, mas sim uma posição – que pode ser ocupada por indivíduos diferentes - , uma função que pode permanecer idêntica a si mesma ou se modificar a cada frase. Qual seria um “conceito” compreensível para entender o sujeito do enunciado na perspectiva foucaultiana? Parece-nos pertinente observar o que diz o próprio teórico:

[...] o sujeito do enunciado é uma função determinada, mas não forçosamente a mesma de um enunciado a outro: na medida em que é uma função vazia, podendo ser ocupada por indivíduos, até certo ponto, indiferentes, quando chegam a formular o enunciado; na medida em que um único e mesmo indivíduo pode ocupar alternada mente, em uma série de enunciados, diferentes posições, e assumir o papel de diferentes sujeitos [...] (FOUCAULT, 1972, p.117)

Foucault vê o discurso como um conjunto de práticas discursivas que estabelecem os objetos sobre os quais enunciam, delimitam os conceitos, legitimam sujeitos. É um acontecimento e uma prática regulamentada, que conta com um certo número de enunciados. Para ele, o discurso é uma prática social e, como tal, constitui-se a partir de suas condições de produção. Em decorrência dessas mesmas condições de produção, surgiriam regras que determinariam seu funcionamento. Ou seja, seriam as práticas discursivas reguladas pelo que Foucault chamou de Formação Discursiva – conjunto de regras que determinam aquilo que pode e o que deve ser dito. Constituiriam essas um conjunto de enunciados submetidos a uma mesma regularidade e dispersão (paradoxal integração do mesmo e da diferença nas Formações Discursivas) na forma de uma ideologia, teoria, ciência.

METODOLOGIA E OS “SUJEITOS” INVESTIGADOS

De acordo com as ideias de Bakhtin/Voloshinov ([1929] 2004) uma possível ordem metodológica para o estudo da mudança na língua deve trilhar na seguinte direção: relações sociais (vinculadas à infra-estrutura = relações de produção) – interação verbal e comunicação (inseridas nas relações sociais) – formas e atos de fala – formas da língua. Dessa forma, pode-se dizer que é no âmbito da mudança nas formas de interação verbal, inscritas em relações sociais, que as mudanças na língua devem ser estudadas. Já Hymes ([1972] 2001) define o

conceito de competência comunicativa, segundo a etnografia da comunicação, como a habilidade adquirida de adequar a fala à situação, isto é, de saber o que dizer, a quem e de que maneira, dependendo da situação comunicativa. Por essa razão, as transcrições de situações comunicativas, apresentadas a seguir, tornam-se imprescindíveis para tecer alguns comentários, mesclando as concepções da Análise do Discurso (AD) e competência comunicativa, defendida por Hymes, uma vez que o recorte feito para esse artigo diz respeito à seleção tão somente de 6 (seis) informantes, transcrição de apenas 1(uma) pergunta, a partir de entrevistas realizadas com 60 (informantes), trabalhadores da Feira de São Joaquim, localizada na cidade de Salvador –Bahia.

A metodologia da presente reflexão é desenvolvida de modo a responder à seguinte questão: (Re) pensando a noção de indivíduo, qual a perspectiva social dialógica da linguagem de feirantes da Feira de São Joaquim, na cidade de Salvador-BA?

OS INFORMANTES

Serão apresentados iniciais dos informantes, local de nascimento, sexo, grau de instrução e natureza da atividade profissional. Vale ressaltar que foram entrevistados no local de trabalho.

Para a realização desse trabalho, foram selecionados alguns fragmentos de fala de feirantes. Gostaríamos, de certa forma, que os leitores refletissem como é significativo e profundo o que diz Hymes (1984) “os membros de uma comunidade linguística partilham, ao mesmo tempo, de uma competência de dois tipos: um saber linguístico e um saber sociolinguístico, ou ainda, um conhecimento conjugado das normas gramaticais e das normas de emprego”. Já Bakhtin, admitindo que o estilo seja parte inerente dos enunciados, vincula diretamente a questão da identidade à língua: sujeito e linguagem estão intrinsecamente relacionados.

Informante I

L.N.S., natural de Feira de Santana-BA, sexo feminino, solteira, 3ª série do ensino fundamental, atua no ramo de temperos.

DOC.- Se possível, conte algo marcante que aconteceu aqui na feira que você tenha presenciado ou participado.

INF.- Como aquele... aquela propaganda que fizeram aqui de dançá lambada, que tava passano toda hora na televisão... o pessoal da fêra dançano. Eu fui uma delas, dancei também. Aquele ôtro filme também “Os moças “ que fez na Codeba, ali na estação de trem ali, eu também fui uma figurante deles.

DOC.- Obrigada, viu [...]

Informante II

J.R., natural de Conceição de Maria-BA, sexo masculino, ensino médio completo, atua no ramo de bomboniere.

DOC. – Se possível, conte algo marcante que aconteceu aqui na feira e que o senhor tenha presenciado.

INF.- Tipo o que, por exemplo?

DOC. - Alguma coisa boa ou ruim, marcante que o senhor presenciou, marcante na sua vida...

INF. - O que foi marcante aqui que eu... coisa que eu fiquei um pôco indignado foram os policiais civis, por exemplo, tomano a mercadoria das pessoas, entendeu? Por exemplo, assim, mercadoria importada, né? Entendeu? Eu não achei correto. Eu acho que deveria o governo fazê uma forma de não entrá a mercadoria, entendeu? De não entrá, mas se está aqui dentro, eles não agir da forma que eles agiram, entendeu? Não foi comigo, mas foi com um colega, entendeu? De trabalho e foi um pôco constrangedô, um pôco não, muito constrangedô.

DOC. - Obrigado.

Informante III

12

Informante IV

M.C.S., natural de Valença –BA, sexo masculino, ensino médio completo, atua no ramo de artigos religiosos

DOC. - Se possível, conte algo marcante que aconteceu aqui na feira que o senhor tenha presenciado.

INF. - Bom, foi a luta dos fêrantes junto com o sindicato, a associação, é... dos fêrantes em que foi a derrubada do muro, né? O chamado muro da vergonha em que na prefeitura de Antônio Imbassaí, né? Foi feito um muro pra... é...isolá a fêra de São Joaquim do... da rua, né? Então, nois através de ...de uma luta judicial conseguimos derrubá esse muro, né? Então, pra mim foi uma das coisas mais marcantes que nois lutamos contra o governo do estado e contra a prefeitura e conseguimos o nosso êxito que foi derrubá o muro, né? Uma coisa muito gratificante para o fêrante, né? Quer dizê a classe lutô junto e vencemos.

DOC. – Tá bom. Brigado.

Informante V

M.A.A., natural de Sergipe, sexo feminino, 8ª série, atua no ramo de carne

DOC.- Se possível, conte algo marcante que aconteceu aqui na feira de São Joaquim que a senhora tenha presenciado.

INF. - Eu fui assaltada aí uma vez, lá na frente, já próximo do ponto de ônibus, eu fiquei abalada, mas Jesus me deu força e eu continuei a minha jornada, não parei não.

DOC. - OK.

INF.- Você sabe que quando a gente é assaltada a gente fica, né? Mas Jesus me deu vitória, eu fui vitoriosa, não tive nada.

DOC.- Certo.

INF.- Levô os meus pertences, mas eu fiquei na paz.

DOC.- Obrigado, Dona [...]

Informante VI

V.M.L., natural de Salvador, sexo feminino, 5^a série do ensino fundamental, atua no ramo de temperos.

DOC.- Se possível, me conte algo marcante que a senhora presenciou aqui na feira de São Joaquim.

INF.- Sobre?

DOC.- Algo marcante (inint.)

INF.- ô meu bem, se eu falá em briga, vai enchê esse cadernão aí. Ah... De tudo acontece... de tudo acontecê... morte, facada, tiro. A coisa mais... a coisa pior que teve aqui foi quando teve a guerra aí, a greve aí dos policiais que foi uma coisa engraçada... nós tava aqui, aí um veio de lá e disse: olha... corre que o arrastão tá lá no fundo... cara nós sai daqui correno, quando chega aqui (inint.) se bate com um monte de encanpuçado, tudo encanpuçado e os policia... nós corre tudo, volta tudo correno por debaixo dessas banca, aí cai por debaixo, tudo de medo. Aquilo foi engraçado demais rapaz. O medo...

DOC. - Era que horas isso?

INF.- Tarde já.

DOC. - Era de tardinha?

INF.- Era. Já pensô? Você corrê de lá de dentro por causo do arrastão, um bocado de gente lá no fundo fazeno um arrastão, chega aqui se bate com um bocado de polícia tudo encapuçado. Ah... foi uma viagem viu. Depois nós demo foi muita dá risada, as queda que a gente tomô por debaixo dessas banca, tudo com medo (risos). Foi engraçado demais.

DOC. - Tá OK. Brigado.

ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

Diante da justificativa de não se fazer necessário analisar cada fala individualmente, teceremos comentários gerais a respeito das nossas reflexões da Análise do Discurso e da Competência Comunicativa. Uma primeira consideração a ser apresentada centra-se na Análise do Discurso da linha Francesa, linha teórica que ultrapassa os limites do texto, já que considera os fenômenos sócio-histórico-ideológicos relevantes para a construção dos sentidos, ou seja, trabalha com o discurso. Ora, como pensar em discurso é também – e principalmente - pensar em relações de poder, é interessante aqui proceder a discussões sob esta perspectiva, uma vez que a proposta é refletir sobre como se dá a constituição de sujeitos-trabalhadores singulares explicitando qual o espaço social em que foram entrevistados. Procura-se estabelecer o papel da história e da memória discursiva, bem como de que forma a relação saber/poder aí se instaura, explicitando especificidades da prática discursiva e seus efeitos de sentidos a partir do entrecruzamento língua/ sociedade/ história/ memória.

No que tange à variação, na perspectiva bakhtiniana, depende da língua, da época, dos grupos sociais, dos contextos; deve-se, nesse caso, levar em conta o horizonte apreciativo dos grupos e até mesmo as lutas/confrontos existentes entre eles. Os fatores são analisados em relação à comunidade de fala; não se discute a vitalidade da linguagem em si, mas a de uma comunidade de fala.

Segundo Bakhtin, todo enunciado está marcado pela história de suas ocorrências. Ou seja, retoma-se, através de cada um deles, um número ilimitado de enunciações anteriores. Esse acúmulo de vozes caracterizaria todo e qualquer enunciado (não caracteriza o enunciado por

critérios linguísticos, mas sim pelo critério da responsividade). Ao mesmo tempo em que toda expressão é carregada pelos textos dos quais ele participou, de maneira idêntica um discurso ecoa outros tantos discursos anteriores e posteriores.

Toma Bakhtin o enunciado como seu objeto de investigação, pois, para ele, aprender a falar é aprender a construir enunciados, uma vez que não há língua fora do enunciado. Concebe-o – o enunciado – como concreto, real: assim como a interação verbal é realidade essencial da linguagem, essa se concretiza em enunciados. Sua delimitação –do enunciado – dar-se-ia somente a partir da alternância dos sujeitos falantes.

Levando em conta o que diz Pêcheux (1990), quando afirma que o discurso produzido por um sujeito A sempre pressupõe um destinatário B, que se encontra em um lugar determinado na estrutura de formação social, bem como que não se está aqui falando de sujeito tampouco de lugar empíricos, mas sim de sujeito discursivo, a riqueza da informação centra-se em algo muito simples, ou seja, “conte algo marcante que aconteceu na Feira” e como resposta uma diversidade de temas.

Através do processo discursivo, neste estudo a que ora se procede, 3(três) mulheres (com escolaridade máxima de ensino fundamental) e 3(três) homens (com escolaridade máxima ensino médio concluído) dão testemunho que o ser humano em contato com outro ser humano, quando não possui nenhuma patologia comprometedor com a linguagem, pode falar de “coisas” mais diversificadas. Devemos entender que o discurso exerce papel capital na representação e na constituição da vida social, o indivíduo aprende a ser quem é, se constitui como sujeito nas práticas discursivas nas quais opera, tanto em sua relação com o mundo como com a sua relação com as outras pessoas.

A palavra do outro é definida por Bakhtin, em *Estética da Criação Verbal* (2003: 379):

[...] qualquer palavra de qualquer outra pessoa, dita ou escrita na minha própria língua ou em qualquer outra língua, ou seja, é qualquer outra palavra não minha. Neste sentido, todas as palavras (enunciados, produções de discurso e literárias), além das minhas próprias, são palavras do outro. Eu vivo em um mundo de palavras do outro. [grifo do autor]

Hymes , em defesa da ideia de competência comunicativa, leva em consideração não só aspectos puramente linguísticos, mas culturais e contextuais. Nas transcrições das falas dos informantes (1 a 6), percebemos que, de fato, as pessoas indagadas sobre “algo marcante” não se silenciaram, mas abordaram temáticas as mais diferentes possíveis: “dança”, “figurante de filme”, “policiais civis [...] tomam a mercadoria das pessoas [...] (SIC), “documentário”, “[...] luta dos fêrantes junto com o sindicato [...]” (SIC), “[...] fui assaltada [...]”, “[...] De tudo acontece [...]” , “[...] um bocado de gente lá no fundo fazeno um arrastão [...]” (SIC).

Na concepção de Hymes, competência comunicativa diz respeito à aquisição do conhecimento linguístico com adequação aos contextos socioculturais de uma determinada comunidade linguística em situações autênticas de interação verbal, um bom exemplo pode ser encontrado na transcrição da informante 6(seis) quando diz:”ô meu bem,se eu falá em briga,vai enchê esse cadernão aí [...]”. Na abordagem bakhtiniana, o indivíduo trava relações de valor com seu objeto do discurso/de sentido. Tal relação possibilita a esse objeto características individuais do falante, que podem ser exemplificadas pela entonação expressiva que o falante atribui a seus enunciados.

Levando em consideração a constituição dialógica do sujeito bakhtiniano, diríamos que:

a) o reconhecimento do sujeito e do sentido é imprescindível para a constituição de ambos; b) o sujeito modifica seu discurso em função das intervenções dos outros discursos, daí enfatizar que o sujeito não é a fonte primeira do sentido;c) o sujeito é dialógico e, conseqüentemente, seu conhecimento é fundamentado no discurso que ele produz; d) o **eu** existe a partir do diálogo com os outros **eus**, mas precisa da colaboração de outros para poder definir-se e ser “autor” de si mesmo.

INCONCLUSÕES

O título de finalização sugere a incompletude intrínseca a qualquer discurso dialógicodialético.

Admitindo que os discursos sociais vão se (des)organizando com e pela interação, através de processos dialéticos e dialógicos, há de se considerar que, na perspectiva bakhtiniana, o

sujeito emerge do outro a partir da enunciação (interação verbal) e não de enunciado em si; a partir de experiências dialógicas com outros “eus” é que o “eu” do sujeito se organiza para se tornar “autor” de si mesmo.

De um lado, percebemos que a linguagem, historicamente determinada, produz sentidos a partir da interlocução, no interior da qual os interlocutores se constituem e são constituídos. Por outro lado, a linguagem torna-se o lugar da interação, da negociação de sentidos, da representação de papéis, da constituição de identidades.

Retomando o compromisso da disciplina Teorias do Texto e do Discurso, diríamos que a vida e obra de Bakhtin acabaram sendo dedicados à tentativa de compreender como o diálogo é possível, que leis regem o diálogo e por que, como está escrito em *Marxismo e Filosofia da Linguagem*, “a palavra é um ato bilateral [...], num território compartilhado pelo emissor e pelo destinatário”, reflitamos sobre a questão.

REFERÊNCIAS

- BAKHTIN, M./VOLOCHINOV, V.N. *Marxismo e filosofia da linguagem* (1929). Tradução Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira. 11. ed. São Paulo: Hucitec, 2004.
- BAKHTIN, M. *Estética da Criação Verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- BAKHTIN, M. *Marxismo e filosofia da linguagem*. São Paulo: Annablume, 2002.
- DUCROT, O. *O dizer e o dito*. Campinas, SP: Pontes, 1987.
- FLORES, V. *Linguística e psicanálise: princípios de uma semântica da enunciação*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1999.
- FOUCAULT, M. *A arqueologia do saber*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1972.
- HENRY, P. *A ferramenta imperfeita: língua, sujeito e discurso*. Campinas, SP: Unicamp, 1992.
- HYMES, D. *Sur la competence de communication*. Paris: Gallimard, 1984.
- KRISTEVA, J. *História da linguagem*. Lisboa: Edições 70, 1969.
- LUCENA, I. *Fiando as tramas do texto: a produção de sentidos em textos diversos*. In: ALVES, E. (Org.). *Linguagem em foco*. Campos: Ideia, 2001.
- MAINGUENEAU, M. *Análise do discurso: a questão dos fundamentos*. In: *Cadernos de Estudos Linguísticos* 19, Campinas, SP: IEL, 1990.

MEURER, J. L. & MOTTA-ROTH, D. (Orgs.). Gêneros textuais e práticas discursivas: subsídios para o ensino de linguagem. Bauru: Edusc, 2002.

MOITA LOPES, L. P. (Org.). Discursos e identidades: discurso como espaço de construção de gênero, sexualidade, raça, idade e profissão na escola e na família. Campinas, SP: Mercado das Letras, 2003.

ORLANDI, E. Análise de discurso: princípios e procedimentos. 3.ed. Campinas, SP: Pontes, 2001.

PÊCHEUX, M. O discurso: estrutura ou acontecimento. Tradução Eni Orlandi et al. Campinas, SP: Pontes, 1990.

POSSENTI, S. Teoria do discurso: um caso de múltiplas rupturas. In: MUSSALIM, F. & BENTES, A.C. (Org.). Introdução à linguística: fundamentos epistemológicos. São Paulo: Cortez, 2004. Vol.3.